

Eli Napoleão de Lima¹

Euclides da Cunha e Joseph Conrad: narrativas consagradas sobre o “mundo desconhecido”

Viajantes, exploradores, clérigos, militares e marinheiros esquadriharam o “mundo desconhecido”, tatuaram ali as suas marcas e construíram, “ao mesmo tempo, todo um arsenal de imagens da barbárie” (HARDMAN, 1991). Sobre essas imagens se talhará o modelo das projeções futuras acerca deste mundo.

Nossa reflexão se volta para a análise da mais canônica narrativa constitutiva do imaginário brasileiro sobre a Amazônia: os escritos amazônicos na obra de Euclides da Cunha (1866-1909), tentando tratar tais escritos como narrativa, relato de sua experiência sobre a região que, carregada de “literaturidade”, critica e reproduz a ideologia de sua época. Narrativa que inaugura, indica, atinge, estabelece um vasto campo para interpretações futuras da Amazônia. É na perspectiva de considerarmos a Amazônia euclidiana como parte de uma vasta história de especulações sobre a Hiléia e suas experiências que o consideramos precursor das concepções futuras da região, muito evidenciada na polarização Inferno/Paraíso, visando apreender o significado dessa dicotomia por ele enfatizada, para melhor entender as diversas investidas sobre a região.

O que tentamos realizar nesse artigo é uma aproximação, decerto imperfeita, mas que nos pareceu pertinente, pelo que segue: assim como em Euclides da Cunha, o legado de Joseph Conrad (1857/1924) é mais que reconhecido. Não são poucos os estudiosos da cultura (historiadores, críticos literários, teóricos da cultura etc.) que têm dedicado cuidadosa atenção à sua obra, entre os quais podemos destacar Edward Said e Fredric Jameson, assim como é enorme a sua influência

¹ Doutora em desenvolvimento, agricultura e sociedade pelo CPDA/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), mestre em desenvolvimento, agricultura e sociedade pelo CPDA/UFRRJ e graduada e licenciada em história pelo IFCS/UFRRJ. Atualmente é professora associada IV do CPDA/UFRRJ. E-mail: lylima.ly@gmail.com.

sobre escritores tão diversos como Jorge Luis Borges e V. S. Naipaul, e cineastas como Francis Ford Coppola e Oliver Stone.

A narrativa euclidiana da Amazônia está carregada de pessimismo. A natureza é adversária do homem, e o progresso ali pretendido só seria possível em um “futuro remotíssimo”. O autor utilizou-se largamente de diversas fontes e mesmo pretendeu desconstruí-las, não conseguindo, no entanto, superar o estranhamento, o *assombroso*, o *maravilhoso*. Quando indicamos que as fontes da narrativa euclidiana sobre a Amazônia, estudadas como parte dos preparativos da expedição (ou para a operação de campo), são constituídas em grande parte por viajantes estrangeiros, marcados pelo *assombroso*, pelo *exótico* e, principalmente, pela imagem de missão e fardo do homem civilizado na conquista do Inferno Verde, estamos querendo marcar que informações que o autor buscara para enfrentar a Amazônia e que sua leitura e visão de mundo estavam moldadas por essas informações. O seu pessimismo, que não encontra paralelo nas suas fontes, não esvazia de conteúdo a sua recorrência e, mesmo no plano da narrativa, a recorrência a uma mesma estrutura semântica. Evidencia-se que Euclides da Cunha adapta expressões de enorme efeito espetacular, como estratégia de estetização e convencimento, que colocam o leitor diante de um espetáculo, como espectador diante de uma narrativa que o leva a visualizar, ouvir, sentir, convencer-se.

É de se registrar que o autor parecia estar plenamente “antena-do” com um corolário comum à época, que Fredric Jameson assim indicaria:

Como no desenvolvimento da perspectiva (ela também produto de uma metáfora teatral), o corolário estrutural do ponto de vista do espectador é a unidade de organização do espaço teatral e da cena teatral: daí a obsessiva repetição ao longo de toda a produção novelística do século XIX de termos teatrais, tais como ‘cena’, ‘espetáculo’ e ‘quadro’, que impõem ao leitor uma posição de espectador de teatro com respeito ao conteúdo da narrativa (JAMESON, 1992, p. 237).

Na verdade, toda a retórica de Euclides da Cunha faz parte de seu arcabouço para viabilizar o progresso, para indicar a sua necessidade, sob as perspectivas e as soluções por ele apontadas. O escritor pretendia oferecer uma visão própria, sua, única – quem sabe a pioneira – daquela empreitada. Em carta a José Veríssimo, enfatizava:

Para mim esse seguir para Mato Grosso, ou para o Acre, ou para o Alto Juruá, ou para as ribas extremas do Mahú, é um

meio admirável de ampliar a vida, o de torná-la útil e talvez brilhantíssima. Sei que farei muito. Aquelas paragens, hoje, depois dos últimos movimentos diplomáticos, estão como o Amazonas antes de Tavares Bastos; e se eu não tenho a visão admirável deste, tenho o seu mesmo anelo de revelar os prodígios da nossa terra.

Se por acaso for tardia a organização das comissões demarcadoras de nossos limites, poderei seguir só – com o objetivo de dizer sobre os aspectos físicos e riquezas essenciais daquelas regiões. Não creio que seja coisa difícil. Pelo menos não é uma novidade. O simples nome de Alexandre Ferreira (desculpe-me este envidar-me em ousados paralelos) nos diz que o exemplo é velho, tem muito mais de cem anos. Além disto, se as nações estrangeiras mandam cientistas ao Brasil, que absurdo haverá no encarregar-se de idêntico objetivo um brasileiro? (CUNHA, 1938, p. 126).²

Sobre o clima:

Na definição climática das circunscrições territoriais criadas pelo Tratado de Petrópolis tem-se incluído sempre um elemento curiosíssimo, ante o qual o psicólogo mais rombo suplanta a competência do professor Hann, ou qualquer outro mestre em coisas metereológicas: o desfalecimento moral dos que para lá seguem e levam desde o dia da partida a preocupação absorvente da volta no mais breve prazo possível. Cria-se uma nova sorte de exilados – o exilado que pede o exílio, lutando por vezes para o conseguir, repelindo outros concorrentes, ao mesmo tempo que vai adensando na fantasia alarmada as mais lutuosas imagens no prefigurar o paraíso tenebroso que o atrai.

Parte, e leva no próprio estado emotivo a receptividade a todas as moléstias.

(...)

Dentro dos lineamentos largos das características fundamentais do clima quente para onde ele se desloca, urde-se a trama de uma higiene individual, onde se prevêm todas as necessidades, todos os acidentes e até os perigos da instabilidade orgânica inevitável à fase fisiológica da adaptação a um meio cósmico, cujo influxo deprimente sobre o europeu vai da

² A carta foi escrita em Guarujá (Santos), no dia 24 de junho de 1904. Ver Galvão (1977).

musculatura, que se desfibra, à própria fortaleza de espírito, que se deprime. (...) De permeio com os preceitos vulgares para o reagir contra a temperatura alta e a umidade excessiva, que se lhe abatem a tensão arterial e a atividade, lhe trancam as válvulas de segurança dos poros e lhe fatigam o coração e os nervos, criando-lhe ao cabo, a iminência mórbida para os males que se desdobram do impaludismo que lhe solapa a vida, às dermatoses que lhe devastam a pele – despontam, mais eficazes e decisivos, os que os aparelham para reagir aos desânimos, à melancolia da existência monótona e primitiva; às amarguras crescentes da saudade; à irritabilidade provinda dos ares intensamente eletrizantes e refulgentes; ao isolamento – e, sobretudo, ao quebrantar-se da vontade numa decadência espiritual subitânea e profunda que se afigura a moléstia única de tais paragens, de onde as demais se derivam como exclusivos sintomas... (CUNHA, 1994, p. 52-55).

Da terra e do homem:

Atravessa quinze dias infindáveis a contornar a nossa costa. Entra no Amazonas. Reanima-se um momento ante a fisionomia singular da terra; mas para logo acabrunha-o a imensidade deprimida – onde o olhar lhe morre no próprio quadro que contempla, certo enorme, mas em branco e reduzido às molduras indecisas das margens afastadas. Sob o grande rio; e vão-se-lhe os dias inúteis ante a imobilidade estranha das paisagens de uma só cor, de uma só altura e de um só modelo, com a sensação angustiosa de uma parada na vida: atônicas todas as impressões, extinta a idéia do tempo, que a sucessão das aparências exteriores, uniformes, não revela – e retraída a alma numa nostalgia que não é apenas a saudade da terra nativa, mas da Terra, das formas naturais tradicionalmente vinculadas às nossas contemplanções, que ali não se vêem, ou não se destacam na uniformidade das planuras...

Entra por um dos grandes tributários, o Juruá e o Purus. Atinge o seu objetivo remoto; e todos os desalentos se lhe agravam. A terra é, naturalmente, desgraciosa e triste, porque é nova. Está em ser. Faltam-lhe à vestimenta de matas os recortes artísticos do trabalho.

Há paisagens cultas que vemos, por vezes, subjetivamente, como um reflexo subconsciente de velhas contemplanções ancestrais... Ali, não. Desaparecem as formas topográficas mais

associadas à existência humana. Há alguma coisa extraterrestre naquela natureza anfíbia, misto de águas e terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua própria grandeza. E sente-se bem que ela permaneceria para sempre impenetrável se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronto sem a constância e a continuidade das culturas. As gentes que a povoam talham-se pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na... (CUNHA, 1975, p. 52-53).

Sobre as gentes indigentes e famintas que se dirigiam ao Acre:

Aguardava-as e ainda as aguarda, bem que numa escala menor, a mais imperfeita organização do trabalho que ainda engenhou o egoísmo humano.

Repitamos: o seringueiro emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

(...)

... Há um laivo siberiano naquele trabalho. Dostoiévski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constrangido a calcar durante a vida inteira a mesma 'estrada', de que ele é o único transeunte, trilha obscurecida, estreitíssima e circulante, que o leva, intermitentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida... (CUNHA, 1975, p. 57-58).

Euclides da Cunha comparava o "povoamento tumultuário, com a colonização à gandaia do Acre" àquele realizado pela França na Indochina, onde o clima era "quase temperado" e onde despendeu-se "quinze anos de trabalhos contínuos para que sobrestivesse a mortalidade", e à cuja experiência de povoamento na África Equatorial renunciaria depois de realizadas longas tentativas, observados os "parceres dos seus melhores cientistas", o que teria sucedido igualmente "no geral das colônias inglesas, alemães ou belgas." (*Ibid.*, p. 55).

Quando enfatizamos o caráter canônico dos escritos amazônicos de Euclides da Cunha, procuramos demonstrá-lo, entre outros argumentos, por meio da comparação com outros dois autores que têm a Amazônia como cenário, José Veríssimo (1857-1916) e Ferreira de Castro (1898-1998), realizando um perscrutar sobre outras possíveis visões de Amazônia (LIMA, 2002).

É importante frisar que intentávamos uma análise das obras dos três autores no que elas têm de fundamento para as suas narrativas: a Amazônia espoliada, ou ainda, o cenário amazônico como tema, muito especialmente, aquele da produção do látex. Os textos de Eu-

clides da Cunha e José Veríssimo têm uma aproximação pela geração partilhada; José Veríssimo foi um daqueles homens ilustres que viabilizaram a ida de Euclides para a Amazônia, foi um dos que ajudaram a guindar *Os Sertões* às alturas. Por outras palavras, conviveram no mesmo universo ideológico. Os escritos amazônicos de Euclides da Cunha cobrem o período que vai de 1898 (com a publicação do artigo “Fronteira Sul do Amazonas: Questões de Limites”, em *O Estado de São Paulo*) a 1909 (com a publicação do livro póstumo *À Margem da História*); os de José Veríssimo vão de 1878 (com a publicação de “As populações indígenas e mestiças da Amazônia. Sua linguagem, suas crenças e seus costumes – contribuição para o estudo da psicologia do povo brasileiro”, cujo primeiro título foi “Raças cruzadas do Pará” publicado no livro *Primeiras Páginas*) a 1915 (com a publicação do artigo “Interesses da Amazônia”, no *Jornal do Comércio*).

Temos a clareza de que o texto de Ferreira de Castro é um romance, o que lhe atribuiria, em princípio, um caráter diverso dos escritos dos outros dois autores. Encontra-se aqui por mais um motivo: conquanto possa ser tido como ficção, consideramos *A Selva* um romance preñado de verdades as mais cruciantes sobre o terrível e patético drama do seringueiro na Amazônia. A primeira edição do livro é de 1930, escrito quinze anos após sua experiência de quatro anos no seringal Paraíso, no mesmo Acre, espaço geográfico-tema de Euclides da Cunha. O tempo que separa o romance de Ferreira de Castro das narrativas de Euclides da Cunha e de José Veríssimo só nos ajuda na nossa proposição de que há uma narrativa ininterrupta sobre a “hostilidade” da natureza amazônica. Em que pesem as diferenças de abordagem, entendimento e compreensão. José Veríssimo igualmente profundo conhecedor da obra de naturalistas e viajantes, à diferença de Euclides da Cunha, travava com eles um diálogo em que postulava conceber a experiência amazônica como resultado do fato da colonização ali empreendida.

No livro *A Selva*, Ferreira de Castro traz à tona “a vida miserável, o panorama soberbo, o mundo novo, bárbaro e assombroso”, aquela epopeia que assombrava “de que não ajuíza quem no resto do mundo se deixe conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha – da borracha que esses homens tiram à selva, misteriosa e implacável” (CASTRO, s/d, p. 15). No romance é evidente, translúcida a causa social, a denúncia dos fatos da injustiça social.

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante

os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, os anônimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e justiça. Sem dúvida, *A Selva* é um patético documento sobre as formas modernas de escravidão.

É de se notar que tanto Euclides da Cunha como José Veríssimo pretendem o progresso para a Amazônia. O que une os dois é precisamente a ideia de que há uma proposição altruísta, humanista-positiva. É justamente a compreensão de que algo se pode erigir, propor soluções. As soluções apontadas, no entanto, seguem rumos diferentes. Aquela apontada por Euclides da Cunha é a da domesticação da natureza (natureza que inclui solo, clima, vegetação, homem) – conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta – como condição do progresso, obedecendo à tradição do evolucionismo positivista, confiante demais na perspectiva civilizatória do progresso técnico-científico. A de José Veríssimo é a de que o progresso chegue tendo em conta o vilipêndio das populações nativas, apontando, por estudos pormenorizados, traços peculiares tanto das populações indígenas e mestiças da Amazônia, como dos problemas e interesses da região.

O que une Euclides da Cunha, José Veríssimo e Ferreira de Castro é o tema da denúncia social (LIMA, 2012). Observando a questão do romance de Ferreira de Castro e dos relatos de Euclides da Cunha e José Veríssimo, o romance de Castro é muito mais documental. É quase um documento. Suas personagens, mesmo que figuras retiradas de sua biografia, é uma seleção que reflete a condição humana na Amazônia da borracha. É clara a reflexão igualmente na obra de José Veríssimo. Nos escritos amazônicos de Euclides da Cunha se evidencia mais a necessidade de ali se formar um novo povo. A denúncia social fica em um plano secundário pelo sobrecarregado das palavras. A grandiloquência, o talento literário, poético, movidos pela incansável busca de prestígio em uma República que não lhe reconhece como desejaria, provoca imprecisões e contradições. Fica em segundo plano, igualmente pela proposição de uma nova ordem que é a mesma que

engendra a pobreza. Assim, há, nesses escritos de Euclides da Cunha, uma vitalidade negativa, até por ser um produtor de cânones.

Se repararmos bem, termos que apontam para uma “natureza implacável”, onde se impõem a luta, o isolamento, o abandono, está presente nos três autores citados. Mas, porque é a narrativa euclidiana que triunfa sobre as demais?

Sem dúvida, Euclides da Cunha, como os cientistas do século XIX, pretendeu, na Amazônia, observá-la, medi-la, descrevê-la, classificá-la e rotulá-la.

Ponderamos que o uso intenso de metáforas das artes plásticas e cênicas pode ser bem aceita em relação a *Os Sertões*, posto que se o tem, em geral, como ficção, na qual a “simulação” é aceitável. Não o é decerto em relação aos escritos amazônicos que pretenderam ser relatórios de uma missão científica. Euclides da Cunha juntou às convenções narrativas o seu próprio talento e experiência pessoal. Agora, se faz mister refletir, acreditar-se que essa narrativa por ser estética, erudita, plástica – extremamente rica, sem dúvida – representa, reflete “de fato” a Amazônia, é um tanto frágil e certamente burlesco. Mas foi eficiente, muito eficiente. A Amazônia estava rotulada: a vida ali ajusta-se aos ditames do “paraíso diabólico” da selva.

O autor fornecerá subsídios para o enfrentamento daquela “terra ignota” à burocracia ilustrada da República e influenciará a maior parte da produção literária que, a partir de então, tomará a Amazônia como cenário de suas obras, até que, nos anos quarenta do século XX, venha a surgir uma visão mais autóctone da região, muito especialmente com Dalcídio Jurandir (dentre outros títulos, *Chove nos campos de Cachoeira*, 1941; *Marajó*, 1947; *Três casas e um rio*, 1958; *Passagem dos Inocentes*, 1963; e *Primeira manhã*, 1968). Mas, ainda assim, permanece sendo a visão euclidiana de Amazônia aquela que domina a sociedade e a cultura brasileiras. Sem dúvida, uma interpretação já consagrada é difícil de ser derrubada (JAMESON, *op. cit.*, p. 14).

Na obra de Joseph Conrad, como na de Euclides da Cunha, encontramos o interesse marcante pelo espaço do exótico, exótico do ponto de vista eurocêntrico, visível na escolha dos cenários em que seus romances se desenrolam, se ambientam, como a Indonésia, a Malásia, a África Negra, a América do Sul.

A atitude imperial – que submete pela “civilização” os povos “bárbaros”, escravizando e saqueando a maior parte do planeta – é percebida e incorporada por Conrad na sinistra trama de seu romance *O coração das trevas*, escrito entre 1898 e 1899 e publicado em 1902

(mesmo ano da publicação de *Os Sertões*), inspirado na viagem que fez ao Congo, chegando ao interior da selva africana (SAID, 1995).

Assim, vejamos:

A conquista da terra, que significa basicamente tomá-la dos que possuem uma compleição diferente ou um nariz pouco mais achatado do que o nosso, não é uma coisa bonita se você olhar bem de perto. O que a redime é apenas a idéia. Uma idéia por detrás dela; não uma ficção sentimental, mas uma idéia; e uma crença altruísta na idéia – algo que você pode erigir e curvar-se diante dela, e lhe oferecer um sacrifício... (CONRAD, 1996).

Difícilmente se poderá delimitar, em matéria de literatura, a obra de Joseph Conrad. Tal procura certamente resultará desconcertante. No geral, é possível indicá-la ou classificá-la sob a rubrica de ficção de aventuras, como o fez Jean-Ives Tadié em *Le romain d'aventures* (*O romance de aventuras*), colocando-o ao lado de Alexandre Dumas, Júlio Verne e R. L. Stevenson, como os quatro mestres do gênero. Mas, o próprio Tadié reconhece que Conrad ultrapassa, em muito, os limites do gênero.

Os ingredientes canônicos da ficção de aventuras estão habitual e ostensivamente presentes nos livros de Conrad. A começar do espaço exótico – exótico, evidentemente, do ponto de vista eurocêntrico que os enforma – em que a maioria deles se ambienta: a Indonésia, a Malásia, a África Negra, a América do Sul. Depois, na figura do herói que os protagoniza e cuja luta contra perigos e obstáculos de vária sorte irá dar corpo à própria noção de aventura como irrupção do inesperado ou do destino no seio do cotidiano para levar a vida humana a uma situação de transe. Por fim, na escrita dramática com que o romancista busca recriar no espírito do leitor o frisson da aventura, fazendo-o vicariamente experimentar-lhe as ansiedades e os terrores (PAES, 1991, p. 457)³.

Para Fredric Jameson, não há nada mais atípico ao fechamento sufocante, opressor, do alto naturalismo que as obras de Joseph Conrad. Por isso mesmo, talvez, passados mais de oitenta anos, “seu lugar é ainda instável, indeciso, e sua obra inclassificável, transbordando da alta literatura para a leitura leve e o romanesco, englobando grandes

³ José Paulo Paes no posfácio ao livro *Nostramo* de Joseph Conrad.

áreas de diversão e distinção por meio da mais exigente prática de estilo, bem como de *écriture*”, oscilando entre Proust e Robert Louis Stevenson. Jameson atribui a Conrad papel relevante, estratégico, no aparecimento da narrativa contemporânea, “um lugar a partir do qual a estrutura das *instituições* literárias e culturais do século XIX torna-se tão visível, quanto não fora, por exemplo, na heterogeneidade dos registros balzaquianos”. Em Conrad é possível observar o afloramento seja do que virá a ser o modernismo contemporâneo – a partir de então transformado em instituição literária – seja, assim também, “do que será chamado alternadamente de cultura popular ou de massa, o discurso cultural comercializado” (JAMESON, *op. cit.*, p. 213).

É interessante notar, para o arcabouço que estamos “criando”, que, também dificilmente, se encontrará quem delimite a obra de Euclides da Cunha em um determinado gênero literário. Para Alfredo Bosi, essa obsessão “implicaria em prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-la” (BOSI, 1982, p. 348). E assim, na *História concisa da Literatura Brasileira*, Euclides da Cunha encontra-se no Capítulo VII. Pré-Modernismo e Modernismo, mais precisamente no Pré-Modernismo, que o crítico literário define como “(no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas primeiras décadas do século [XX], problematiza a nossa realidade social e cultural” (*Ibid.*, p. 345). Para Antônio Candido, aqueles escritores surgidos entre princípios do século XIX e o Modernismo, “são, quase todos, epígonos” e situa *Os Sertões* como a

última estreia realmente criadora do período, [a qual] marca em 1902 uma espécie de divisor. Livro baseado numa interpretação rigidamente naturalista dos fatos sociais e da psicologia individual, é o coroamento do movimento ‘cientificista’ da segunda metade do século XIX. Ao mesmo tempo, fere a visão algo conformista do academicismo reinante, reavivando o impulso polêmico daquele movimento e prenunciando o grande esforço de veracidade que os modernistas efetuarão (CANDIDO, *s/d*, p. 109).

Tal lugar de destaque numa fase de transição, que tanto Conrad quanto Euclides da Cunha ocuparam, decerto contribuiu para o sucesso (repercussão, influência, apropriação) de suas obras. Modernos *avant la lettre*, Euclides da Cunha sobressai naquela “fase transitória, [na qual] quase tudo é amenidade e convencionalismo”, aparta-se daquela “literatura [que] se ameniza no regionalismo de salão, no

ceticismo, na frivolidade, no sentimentalismo ou num intelectualismo árido” (*Ibid.*, p. 109). Conrad, segundo José Paulo Paes,

fugia do explicativismo do romance vitoriano de que foi o último abencerrage para manter, em quanto escreveu, uma margem de ambiguidade por onde pudesse transitar livremente a ‘nossa capacidade de encantamento e de surpresa, nosso senso do mistério que nos envolve a vida, para citar palavras do prefácio de *O negro do “Narciso”* (1897), prefácio que vale por uma profissão de fé de romancista” (PAES, *op. cit.*, p. 459).

Considerado um dos maiores romancistas de língua inglesa, Joseph Conrad era polonês e muitas vezes, ao longo de sua vida, precisou defender-se de acusações de traição à sua pátria e à sua língua, ao escolher a carreira naval e ao escrever em inglês. Józef Teodor Konrad Nalecz Korzeniowski atingiu, o que é raro, a perfeição estilística numa língua que não era a sua de origem. Nascido na Polônia, sob o domínio russo, era filho de um nobre com idéias patrióticas que, por isso, seria preso em 1861 e, com a família, condenado ao exílio. Sua mãe morreria quando ele tinha 6 anos e o pai, quando atingiu a idade de 12 anos. Órfão, foi criado por um tio. Iniciaria seus estudos náuticos em 1874 e, em 1878, ingressaria na Marinha mercante inglesa, onde trabalharia pelos dezesseis anos seguintes, sendo, então, o único oficial de origem polonesa na Inglaterra. Estrearia na ficção com *A loucura de Almaeyer* em 1894, quando deixaria para sempre os navios.

Acusações como a do crítico Robert Lynd, que dizia que Conrad tinha “a visão de um homem sem lar”, ao que tudo indica, parecem ser uma retaliação às suas críticas ao imperialismo inglês, presentes, muito especialmente, em *O coração das trevas*. Críticas que o motivaram a escrever em *A personal record* (Um registro pessoal) como “a fidelidade a uma tradição pode sobreviver aos acontecimentos de uma existência não relacionada a ela”.

O tema principal de quase toda a obra é o herói solitário em permanente tensão com o acaso, envolvido em acontecimentos que colocam seus princípios em xeque.

De sua obra constam muitos títulos, dos quais registramos aqui *Um pária das ilhas*, de 1896; *O negro do “Narciso”*, de 1897; *Juventude*, de 1898; *Lord Jim*, de 1900; *O coração das trevas*, de 1902; *Nostromo*, de 1904; *O espelho do mar*, de 1906; *Sob os olhos do Ocidente*, de 1911; *Um registro pessoal*, de 1912; *Vitória*, de 1914; *A linha de sombra*, de 1916; e *A flecha de ouro*, de 1919.

Em *Vitória e Lord Jim*, por exemplo, o escritor narra a história de um homem que busca a redenção isolando-se numa ilha deserta do Pacífico. Essa idéia de isolamento, da falta de sentido do mundo, levará Conrad a escrever sobre exilados brancos, comandantes de navios, marinheiros, hoteleiros, comerciantes, vagabundos, bandidos. Suas grandes visões do imperialismo estão relacionadas com a África: *O coração das trevas*; os Mares do Sul com *Lord Jim*; e a América do Sul com *Nostramo*.

A atitude imperial levou “às mais sangrentas guerras, mundiais e locais, e deixou como sua marca o grande flagelo do racismo; além, é claro, de proporcionar aos europeus, sobretudo os ocidentais, a fabulosa riqueza que lhes permite hoje se classificarem de ‘primeiro mundo’” (SANTARRITA, 1996, p. 3-4). Detenhamo-nos em como essa atitude é percebida e incorporada por Conrad no romance *O coração das trevas*.

Em 1890, como marinheiro, Conrad passou quatro meses numa expedição pelo rio Congo, época em que contraiu malária, o que lhe prejudicaria a saúde pelo resto da vida.

Neste romance, Conrad narra, por meio de seu *alter ego* o Capitão Marlow, a experiência africana de Kurtz, personagem trágica perdida no interior do imponderável continente negro. Marlow é o encarregado do resgate de um vapor fluvial contratado por uma empresa “civilizadora”. Nas palavras de Edward Said, Conrad tenta:

Transmitir o enorme poder da experiência africana de Kurtz por meio de sua narrativa pujante sobre a viagem que fez pelo interior africano, em busca de Kurtz. Essa narrativa, por sua vez, está diretamente ligada à força redentora, bem como à devastação e ao horror, da missão européia no mundo negro” (SAID, 1995, p. 55).

Na figura de Kurtz, o autor “criou a personificação mesma dessa pirataria travestida de humanismo” (SANTARRITA, *op. cit.*, p. 4).

Após longa e tormentosa busca, Marlow encontra Kurtz:

Aquele iniciado fantasma vindo do fundo do nada honrou-me com sua espantosa confiança antes de desaparecer completamente. Isso só se deu porque podia falar comigo. O Kurtz original fora educado em parte na Inglaterra, e – como teve a bondade de dizer ele próprio – suas simpatias estavam no lugar próprio. A mãe era meio inglesa, o pai meio francês. Toda a Europa contribuíra para a fabricação de Kurtz; e aos

poucos fui sabendo que, da maneira mais apropriada, a Sociedade Internacional para a Eliminação de Costumes Bárbaros confiara-lhe a elaboração de um relatório para a sua futura orientação. E ele o escrevera, ainda por cima. Era eloquente, vibrava de eloquência, mas demasiado pomposo, creio. Encontrara tempo para dezessete páginas de letrinha miúda! Mas isso deve ter sido antes que seus digamos – nervos se complicassem e o fizessem presidir a certas danças à meia-noite, que acabavam com rituais indizíveis, os quais – até onde eu relutantemente deduzi do que ouvi em várias ocasiões – eram oferecidos a ele – entendeu? – ao próprio Kurtz. Mas tratava-se de uma bela peça literária. O parágrafo de abertura, porém, à luz de informações posteriores, parece-me agora sinistro. Começava com o argumento de que nós, brancos, no ponto de desenvolvimento a que chegamos, ‘devemos necessariamente parecer a eles (selvagens) seres sobrenaturais – aproximamos-nos deles com o poder de uma divindade’, e por aí seguia. ‘Pelo simples exercício de nossa vontade, podemos fazer um bem praticamente ilimitado’, etc. etc...

Marlow ficava deslumbrado diante da “peroração magnífica”, e esta lhe induzia à “ideia de uma exótica Imensidão, governada por uma augusta benevolência”. Era o resultado do poder da palavra. Na verdade, “sugestões de ordem prática” não existiam e muito menos algo que pudesse “ser encarado como exposição de um método”. Tratava-se de algo muito simples, “e ao final desse comovente apelo a todos os sentimentos altruístas, brilhava para nós, luminosa e aterrorizante, como o clarão de um relâmpago num céu sereno: “Exterminem os brutos” (CONRAD, *op. cit.*, p. 73). E Kurtz pedia a Marlow muito cuidado com o seu “panfleto”, que teria importância futura sobre sua carreira. Marlow chegaria a pensar que poderia relegar a memória de Kurtz “a um eterno repouso na lata de lixo do progresso, entre todos os detritos e, falando de um modo figurado, todos os gatos mortos da civilização” (*Ibid.*, p. 73-74). Mas não poderia. Kurtz não seria esquecido. Alguém como ele não poderia ser esquecido. O homem enfrentando todos os desafios, o “fardo do homem branco”, nas palavras de Kipling, atingiu o coração das trevas, a selva e, gerenciando o comércio de marfim, escreve coisas eloquentes em prol da missão civilizatória. Ou seja, ao mesmo tempo que Marlow é capaz de perceber, como diria Said, o “impasse trágico de todo discurso – que ‘é impossível transmitir a sensação vital de qualquer época da vida de

uma pessoa – a qual constitui sua verdade, seu significado – sua essência sutil e penetrante. [...] Vivemos como sonhamos – sozinhos”... – procura “transmitir o enorme poder da experiência africana de Kurtz...” (SAID, *op. cit.*, p. 55).

Desde muito cedo Conrad decidira que chegaria à África.

Foi em 1868, quando tinha nove anos ou por aí assim, que, olhando um mapa da África da época, e pondo o dedo no espaço em branco que então representava o não-resolvido mistério daquele continente, eu disse a mim mesmo, com uma absoluta certeza e uma espantosa audácia que já não fazem parte de meu caráter:

– Quando eu crescer, irei lá (CONRAD, 1996, p. 3).

Note-se que a África já provocava o interesse europeu desde 1550, por meio da História e *descrição da África*, de Leão, o Africano, um muçulmano espanhol. Assim, “Timbuktu havia existido nos mapas mentais europeus como uma cidade de ouro, no centro de um reino afluyente e sofisticado” (PRATT, 1999, p. 129).

Mungo Park, um escocês de 25 anos, em junho de 1797, apareceu em Pisania (costa da África Ocidental). Passara um ano e meio explorando no interior a bacia do Níger e escreveria na Inglaterra “um dos livros de viagem mais populares de seu tempo”. Viajara sob os auspícios da Association for Promoting the Discovery of the Interior Parts of Africa (Associação para a Promoção da Descoberta das Áreas Interiores da África) ou, simplesmente, African Association (Associação Africana), localizada em Londres. Tratava-se de uma “aliança de aristocratas e ricos homens de negócios, (...) formada em 1788 sob a liderança de Joseph Banks”, tendo este dirigido “a exploração britânica da África Ocidental nas quatro décadas seguintes”. No ato de criação da Associação, seus fundadores lamentavam que apesar do progresso da descoberta ali realizada, ainda havia muito o que dar a conhecer para “desenvolver o acervo do conhecimento humano”. Revela Mary Louise Pratt:

A ênfase em relação à praticidade, a ausência de qualquer menção à ciência e a imagem do conhecimento humano como um ‘acervo’ refletem os objetivos predominantemente comerciais da Associação Africana. Os membros eram expansionistas econômicos, interessados em ‘comércio legítimo’, ou seja, nem em colonização, nem em assentamentos e, acima de tudo, avessos ao comércio escravo... (*Ibid.*, p. 127-128).

O projeto que o grupo conseguiu empreender foi o do estabelecimento do curso, da direção, da nascente e da foz do rio Níger, “mantendo contato comercial e diplomático com aqueles que habitassem as suas cercanias”. As expectativas eram grandes, posto que, como proposto por Heródoto, o Níger “bem poderia fluir para o leste, atravessando toda a África até o Nilo, propiciando assim uma rota transcontinental de comércio para o Mediterrâneo...” Aos emissários da Associação era indicado localizar o Níger, mas, sobretudo, “visitar as principais cidades e suas cercanias, particularmente Tombuctoo e Haussa” (*Ibid.*, p. 128-129).

Poucas décadas antes, “quando os estereótipos determinados pelo tráfico de escravos governavam as ideologias européias”, prevalecia a ideia – como aventada em 1759 pelo tradutor inglês de *Viagem ao Senegal* (França, 1793), de Adanson – de um país envolto em miséria, desertos, rios e torrentes, lugar de “tigres, javalis, crocodilos, serpentes e outras bestas selvagens”. Os habitantes, negros e mouros, eram “pobres e indolentes”, em que pese serem “amistosos e dóceis”. O que contrasta com a ideia que permeava a Associação, ou seja, aquela “ideia de um interior africano densamente povoado com cidades e estados estabelecidos, redes comerciais e mercados para produtos britânicos” (*Ibid.*, p. 129). Paul Isert (*Viagens na Guiné e Ilhas Caribenhas da América*, 1793) asseverava que aqueles que tinham os africanos como “naturalmente preguiçosos, teimosos, inclinados para o furto, bebida e todos os vícios”, deveriam conhecer o interior da África “se desajassem sinceramente ser curados de seus preconceitos”. Referindo-se às cartas de Ignatus Sancho, seu editor britânico, em 1782, explicando o talento literário do ex-escravo, dizia que quem adentrar o interior africano, “muito possivelmente descobrirá artes e nações que mantêm muito pouca analogia com a ignorância e a grosseria dos escravos das ilhas produtoras de açúcar, expatriados na infância e brutalizados sob o chicote do feitor” (*Ibid.*, p. 129-130). Ainda Pratt:

Como tais especulações sugerem, a re-imaginação do interior africano em fins do século XVIII coincidiu com a extraordinária aceleração do movimento antiescravagista após 1770 e a reconcepção dos africanos como um mercado e não mais como mercadoria. De fato, a formação da Associação sucedeu por apenas uns poucos meses a inauguração de uma entidade igualmente histórica, a Society for the Abolition of the Slave Trade (Sociedade para a Abolição do Tráfico de Escravos). (*Ibid.*, p. 131).

Após diversos fracassos vivenciados pelos primeiros emissários da Associação, o emissário Mungo Park, enfrentando obstáculos de toda ordem, atingiu o Níger e, observando que este rio fluía para leste, corroboraria para o entusiasmo da possibilidade de que este se conectasse ao Nilo (o que não ocorre). Ao regressar à Inglaterra, exporia seus achados aos patrocinadores europeus. “As fantasias mercantis da Associação adquiriram uma nova intensidade...” Com as descobertas de Park, os membros da Associação sentiam-se regozijados e assim se expressavam:

uma porta foi aberta para toda nação mercantil entrar e comerciar da extremidade ocidental à oriental da África... Com as devidas informações e empenho do crédito e iniciativas britânicas, é difícil imaginar a extensão potencial a que pode chegar a demanda pelas manufaturas de nosso país, por parte de países vastos e populosos. (*Ibid.*, p. 133).

Qual era “o não resolvido mistério daquele continente” que motivava Conrad, aos nove anos, em 1868?

Em 1890, ou seja, 22 anos depois, Conrad cumpriria o seu voto. Na voz de Marlow, expressa:

Ora, quando eu era menino, tinha paixão por mapas. Ficava horas olhando a América do Sul, ou a África, ou a Austrália, e me perdia em todas as glórias da exploração. Naquele tempo havia muitos espaços vazios na terra e, quando eu via um que parecia particularmente convidativo num mapa (embora todos pareçam), punha o dedo em cima e dizia: Quando eu crescer, irei lá. Lembro-me que o Pólo Norte era um desses lugares. Bem, não estive lá ainda, e agora não tentarei mais. O encanto acabou. Outros lugares espalhavam-se pelo equador, e por tudo que era latitude nos dois hemisférios. Estive em alguns deles, e... bem, não vamos falar disso. Mas ainda havia um... o maior, o mais vazio, por assim dizer... pelo qual eu suspirava. É verdade que, nessa época, já não era mais um espaço vazio. Fora sendo preenchido, desde os dias de minha infância, de rios, lagos e nomes. Deixara de ser um espaço vazio de delicioso mistério... uma mancha branca com a qual um menino podia sonhar gloriosamente. Tornara-se um lugar de trevas. Mas tinha um rio em especial, um rio grande e poderoso, que se podia ver no mapa, parecendo uma imensa serpente esticada, com a cabeça no mar, o corpo em repouso curvando-se

sobre uma vasta região, e a cauda perdida nas profundezas da terra. E, vendo o mapa numa vitrina, aquilo me fascinou, como uma cobra fascina um pássaro... um passarinho idiota. (CONRAD, 1996, p. 15).

Encantado pela serpente, Marlow lembrou que uma companhia explorava o comércio no tal rio. E saiu atrás de uma nomeação para ser comandante de um vapor fluvial. Não lhe fora nada difícil encontrar os escritórios da Companhia, posto que era “a coisa maior da cidade” e orgulho de todos. “Iam operar um império no Além-mar, e ganhar uma profusão de dinheiro com o comércio” (*Ibid.*, p. 17).

Do encontro no escritório com o “compadecido secretário” cheio de “desolação e simpatia” resultou a assinatura de um documento que Marlow entendia que por ali se “comprometia, entre outras coisas, a não revelar qualquer segredo comercial...” e começou a ficar nervoso: não estava acostumado com tais cerimônias “e havia alguma coisa de sinistro naquela atmosfera. Era como se eu acabasse de ser admitido numa conspiração – não sei –, alguma coisa não muito correta; e me senti satisfeito por sair dali”. Mas não sairia antes que pudesse notar o olhar de duas mulheres que “tricotavam febrilmente”, o que o teria afetado sobremaneira.

Muitas vezes, lá longe, pensei naquelas duas guardando as portas das Trevas, tricotando lã negra como para uma cálida mortalha, uma delas introduzindo as pessoas continuamente no desconhecido, a outra estudando as caras tolas e animadas com indiferentes olhos velhos. Ave! Velha tricotadora de lã negra. Morituri te salutant. Não muitos daqueles que ela olhava, chegaram a vê-la de novo – nem perto da metade (*Ibid.*, p. 19).

Todas as pessoas que Marlow encontrou antes da partida do *Nellie* pareciam lhe indicar que partiria para uma empreitada perigosa. Tanto que Marlow, por uns instantes, se sentira mal: “por um ou dois segundos, me senti como se, em vez de ir para o centro de um continente, estivesse de partida para o centro da terra” (*Ibid.*, p. 22).

E o que Marlow verá, durante a viagem, não será nada mais que um grande “espaço vazio”, ou quase.

Nós seguíamos pesadamente, parávamos, desembarcávamos soldados; prosseguíamos, desembarcávamos funcionários da alfândega para cobrar impostos no que parecia um deserto abandonado por Deus, com um barraco de lata e um pau de

bandeira ali perdidos; desembarcávamos mais soldados – suponho que para tomar conta dos funcionários da alfândega (...). Todo dia a costa parecia a mesma, como se não tivéssemos avançado; mas passamos por vários lugares – postos comerciais – de nomes como Gran'Bassam, Pequeno Popo; nomes que pareciam pertencer a uma sórdida farsa encenada diante de um sinistro cenário negro (...). De vez em quando um barco, vindo da praia, me permitia um momentâneo contato com a realidade. Uns camaradas negros movimentavam os remos. Podia-se ver de longe o branco dos olhos deles reluzindo. Gritavam, cantavam; os corpos escorriam de suor; os rostos pareciam máscaras grotescas – aqueles sujeitos; mas tinham ossos, músculos, uma vitalidade selvagem, movimentos de intensa energia, que eram naturais e autênticos como as ondas ao longo do seu litoral. Não precisavam de desculpas para estar ali. Era um grande conforto para o olhar... (*Ibid.*, p. 22-23).

Por instantes era, para o narrador, um momento de devaneio que logo se esgotava. Sempre havia algo para espantar qualquer devaneio. E Marlow se lembrava de um navio de guerra francês ancorado ao largo da costa. Choça nenhuma havia por ali, mas se bombardeava o mato. Parecia-lhe que os franceses estivessem guerreando por ali.

Naquela vazia imensidão de terra, céu e água, lá estava ele, incompreensível, disparando sobre o continente. Pou! – disparava um dos canhões; uma pequena chama brotava e desaparecia, uma pequena fumaça branca se desfazia, um minúsculo projétil dava um débil assobio e nada acontecia. Nada podia acontecer. Havia um toque de insanidade naquilo, uma sensação de lúgubre bufoneria naquela visão; e isso não se dissipou quando alguém a bordo me garantiu a sério que havia ali um acampamento de nativos – o homem chamava-os de inimigos! – escondidos em alguma parte, fora das vistas (*Ibid.*, p. 24).

É enorme o poder da narrativa de Marlow em envolver o leitor na trajetória de sua viagem rio acima, rumo ao “coração da África”, e é fantástica a sua percepção de que o missionário do progresso, Kurtz é atingido pela barbárie, pelos poderes sobrenaturais (e diabólicos) da selva. Era como se o feitiço se tivesse virado contra o feiticeiro. Kurtz fora levar a civilização às “trevas” africanas e acabou sendo barbarizado por ela.

Quando encontrou o russo semi-enlouquecido, “parecendo um arlequim”, Marlow soube que Kurtz estava mal. De onde se encontrava dirigiu seu binóculo para a casa onde estaria Kurtz.

Não havia sinais de vida, mas lá estavam o telhado arruinado, a comprida parede de barro surgindo acima do mato, com três janelinhas quadradas esburacadas, nenhuma delas do mesmo tamanho; tudo aquilo trazido ao alcance de minha mão, por assim dizer. E então fiz um movimento brusco, e uma das últimas estacas da cerca desaparecida entrou no campo do binóculo. (...). Agora eu tinha de repente uma visão mais próxima, e o primeiro resultado disso foi fazer-me jogar a cabeça para trás, como diante de um soco. Depois passei cuidadosamente de estaca a estaca com o binóculo, e percebi meu engano. Aquelas bolas ornamentais não eram ornamentais, mas simbólicas; eram expressivas e intrigantes, impressionantes e inquietantes – matéria para pensar e também para os abutres, se algum houvesse olhado cá para baixo, lá do céu; mas de qualquer modo para as formigas industriosas o bastante para subir as estacas. Teriam sido ainda mais impressionantes, aquelas cabeças sobre as estacas, se não tivessem os rostos voltados para a casa. (...). Retornei deliberadamente à primeira que vira – e lá estava ela, negra, seca, murcha, de olhos fechados – uma cabeça que parecia dormir na ponta daquela estaca, e, com os lábios murchos e secos exibindo uma estreita fileira de dentes, parecia sorrir, também, sorrir continuamente de um interminável e jocoso sonho, naquele sono eterno (*Ibid.*, p. 84).

Marlow refletia sobre o significado daquelas cabeças, ali dispostas e daquela forma e ponderava que elas só estavam ali mostrando que Kurtz “não tinha contenção na satisfação de seus vários desejos...” E pensava se Kurtz teria consciência daquela deficiência. Talvez no final, no seu final mesmo.

Porém a selva o descobrira cedo, e se vingara nele de uma forma terrível pela fantástica invasão. Creio que lhe sussurrara coisas sobre si mesmo que ele não sabia, coisas das quais não tinha idéia até aconselhar-se com aquela grande solidão – e o sussurro revelara-se irresistivelmente fascinante. Ecoava alto dentro dele porque ele no fundo era vazio... (*Ibid.*, p. 85).

Kurtz se barbarizara, mas permanecia imponente, respeitado, chefe dos chefes. O russo semi-enlouquecido, admirador de Kurtz, avisava

Marlow que ele não se atrevera “a retirar aqueles – digamos – símbolos”, ainda que não temesse os nativos posto que estes nada fariam “enquanto o Sr. Kurtz não mandasse. Sua ascendência era extraordinária. Os acampamentos daquela gente cercavam o lugar, e os chefes iam vê-lo todo dia. Rastejavam...” (*Idem*) E Marlow, impressionado, gritou dizendo para o russo que não queria saber nada acerca “das cerimônias usadas para se aproximar do Sr. Kurtz” e tinha

a sensação de que tais detalhes seriam mais intoleráveis que aquelas cabeças secando nas estacas embaixo das janelas do Sr. Kurtz. Afinal, aquela era apenas uma visão selvagem, enquanto eu parecia, de um salto, ter sido transportado a uma sombria região de horrores sutis, onde a selvageria pura e simples era um decidido alívio, pois tratava-se de algo que tinha o direito de existir – obviamente – à luz do sol. (*Idem*).

Aquelas cabeças eram de rebeldes, abatidas em nome do marfim, comércio que Kurtz dominava.

Enquanto conversavam, Marlow e o russo, a noite caíra já na floresta; no navio, ainda batia o Sol. Na margem, não se via viva alma.

De repente, da esquina da casa surgiu um grupo de homens, como se houvessem brotado do chão. O mato chegara-lhes à cintura, e formavam um grupo compacto, transportando uma padiola improvisada no meio deles. No mesmo instante, no vazio da paisagem, ouviu-se um grito cuja estridência varou o ar como uma aguda flecha voando direto ao coração da terra; e, como por encanto, rios de seres humanos – seres humanos nus –, com lanças nas mãos, arcos, escudos, olhares selvagens e movimentos bárbaros, foram despejados na clareira pela floresta de face sombria e pensativa. O mato agitou-se, a relva oscilou por algum tempo, e depois tudo ficou quieto, com atenta imobilidade (*Ibid.*, p. 86-87).

Se Kurtz não desse, dizia o russo, “a ordem certa a eles, estamos liquidados”.

Espaço vazio, primitivismo, selvageria, natureza portentosa, enigmática e vingativa, enfim, “trevas” e a denúncia da insensatez do imperialismo, apresentada especialmente pelas balas de canhão cortando a selva, atirando no mato, percorrem toda a narrativa de Marlow. Há, assim, em Conrad, a denúncia da insensatez do imperialismo e a ratificação de um mundo assombroso.

É, sem dúvida, extremamente irônico e prenhe de sentidos o relato do encontro de Marlow com o escriturário que trajava terno branco no meio da selva, como também o do russo semi-enlouquecido, “multicolorido, como se houvesse fugido de uma trupe de mímicos, entusiástico, fabuloso” (*Ibid.*, p. 80).

Como afirma Edward Said,

Mas, por trás do tom inconclusivo, das evasões, das meditações em arabesco de Marlow sobre seus sentimentos e idéias, está o curso incessante da viagem, a qual, apesar de todos os obstáculos, avança pela selva, pelo tempo, por entre as dificuldades, até o coração disso tudo, até o império comercial de marfim de Kurtz. Conrad quer nos mostrar que a grande aventura de pilhagem de Kurtz, a viagem de Marlow subindo o rio e a própria narrativa partilham o mesmo tema: europeus executando ações de domínio e vontade imperial na (e sobre a) África.” (SAID, *op. cit.*, p. 55-56).

Ainda que Conrad tivesse “uma grande consciência do que fazia”, diferentemente de “outros escritores coloniais contemporâneos”, nem ele nem Marlow “nos oferecem uma visão completa do que se encontra *fora* da postura de conquistadores do mundo encarada por Kurtz, por Marlow, pelo círculo de ouvintes no convés do *Nellie* e por Conrad” (SAID, 1995, p. 56).

O que Said quer dizer com isso é que *O coração das trevas*

É uma obra que funciona tão bem porque sua política e sua estética são, por assim dizer, imperialistas, as quais, nos últimos anos do século XIX, pareciam ser uma política e uma estética, e até uma epistemologia, inevitáveis e inescapáveis. Pois se de fato não conseguimos entender a experiência do outro e se, portanto, precisemos depender da autoridade impositiva do tipo de poder que Kurtz exerce como homem branco na selva ou que Marlow, outro branco, exerce como narrador, é inútil procurar outras alternativas não imperialistas: o sistema simplesmente as eliminou ou tornou-as inconcebíveis. A circularidade, o fechamento perfeito da coisa toda é inexpugnável não só em termos estéticos, mas também nos mentais (*Ibid.*, p. 56).

De fato, Conrad, com sua genialidade e consciência, fez em *O coração das trevas* uma literatura contra o imperialismo europeu. Ainda assim, e conhecedor do fato de que a África não era mais o “espaço vazio”, que o motivara a conhecer quando menino, quando foi para

lá, no seu romance, “aquela região não parecia habitada por ninguém, e então Conrad a manteve vazia”. Prossegue Said:

Provavelmente, Conrad nunca poderia usar Marlow para apresentar seja o que por além de uma visão de mundo imperialista, pois nada havia de não europeu acessível aos olhos, fosse de Conrad fosse de Marlow. A independência era coisa de brancos e europeus; os povos subjugados ou inferiores eram para ser dominados: a ciência, a erudição, a história vinham do Ocidente (*Ibid.*, p. 57).

Os críticos literários ou os comentaristas que abordam a produção conradiana são unânimes em afirmar o fato de que Conrad, por não ter sido nunca um inglês absolutamente incorporado e aculturado ou, ainda, por sua experiência de polonês exilado na Inglaterra ou, ainda mais, por trazer as marcas de uma origem inferior (a Polônia feudal) para uma experiência superior (a Inglaterra capitalista), teria preservado, como diria Said, por exemplo, “uma distância irônica em todas as suas obras” (*Idem*). Fredric Jameson, incorporando a produção conradiana ao tipo de investigação a que se propõe no *O inconsciente político. A narrativa como ato socialmente simbólico*, ou seja, o “‘metacomentário’, ou reavaliação histórica e dialética dos métodos interpretativos conflitantes”, considera que a coexistência, no escritor, de todos os “espaços” culturais distintos (o da “alta” cultura e o da cultura de massa, ou a alta literatura e aquilo que a Escola de Frankfurt chamou de indústria cultural que produz a cultura “popular” ou de massa), “mais ainda imperfeitamente diferenciados, marca sua obra como ocasião única para a análise histórica das formas mais amplamente culturais e também mais estritamente literárias”. Assim, para Jameson, “as descontinuidades objetivamente presentes nas narrativas de Conrad projetaram, como acontece com poucos escritores modernos, uma incrível variedade de opções interpretativas conflitantes e incommensuráveis” (JAMESON, *op. cit.*, p. 215).

Em Edward Said, a forma narrativa de Conrad torna possível colher “duas visões possíveis no mundo pós-colonial sucedâneo ao de Conrad.

Um dos argumentos atribuí ao velho empreendimento imperial toda a latitude para se desdobrar, de maneira convencional, em todas as suas fases, até transformar o mundo naquilo apresentado pelo imperialismo europeu ou ocidental, e se consolidar após a Segunda Guerra Mundial. Os ocidentais podem

ter saído fisicamente de suas antigas colônias na África e na Ásia, mas as conservaram não apenas como mercados, mas também como pontos no mapa ideológico onde continuaram a exercer domínio moral e intelectual. 'Mostrem-me o Tolstoi zulu', como disse recentemente um intelectual americano. A abrangência categórica e soberana desse argumento permeia as palavras daqueles que hoje falam não só em nome do Ocidente e de suas realizações, mas também em nome do resto do mundo, daquilo que ele foi, é e pode vir a ser. As assertivas desse discurso excluem o que representou como 'perdido', argumentando que, sob certos aspectos, o mundo colonial sempre esteve, ontologicamente falando, perdido, irredimível, irrefutavelmente inferior... (SAID, *op. cit.*, p. 58).

O outro argumento, menos controverso, diz respeito ao fato de se ver "como Conrad via suas próprias narrativas, específicas de um certo tempo e um certo espaço, sem ser incondicionalmente verdadeiras ou irrestritamente certas". Como já afirmara, Said ratifica que Conrad parece indicar não ser possível imaginar uma outra alternativa ao imperialismo. Como seja: "os nativos da África, Ásia ou América, sobre os quais escreveu, eram incapazes de independência, e como ele parecia conceber a tutela européia como um dado, não era capaz de antever o que ocorreria quando ela chegasse ao fim". Ponderamos que, talvez, Conrad não supusesse que aquilo teria fim. Mas, como afirma Said, "terminar ela terminaria, quando menos porque como qualquer iniciativa humana, como a própria linguagem – ela tinha o seu momento, e então teria que acabar". Desta feita, na medida em que "Conrad *data* o imperialismo, mostra sua contingência, registra suas ilusões, sua tremenda violência e devastação (como em *Nostromo*)", acaba por permitir "que seus leitores futuros imaginem algo diferente de uma África retalhada em dezenas de colônias européias, mesmo que pessoalmente ele tivesse pouca noção do que poderia vir a ser essa África" (*Ibid.*, p. 58).

Quanto à possibilidade oferecida por *O coração das trevas*, "menos imperialisticamente categórica", ela pode ser situada no fato de que em Conrad seus personagens não aceitam obstinadamente o que se dá em nome da idéia imperial. Pensam, preocupam-se a respeito. Ainda que tentem fazer tudo parecer rotineiro, na verdade, nunca é.

A maneira de Conrad demonstrar essa discrepância entre sua visão e as visões ortodoxas do império é continuar chamando a atenção para a maneira como as idéias e os valores são

construídos (e desconstruídos) por meio de deslocamentos na linguagem do narrador (*Ibid.*, p. 62).

Oscilando entre uma certa tagarelice e a eloquência, Marlow raramente cede à tentação de tornar mais peculiar ainda aquelas coisas já peculiares, por meio de uma forma de relatar “surpreendentemente incorreta ou deixando-as vagas e contraditórias”. Há, no discurso conradiano, tantas discrepâncias cujo “resultado é deixar seu público e também o leitor com a nítida sensação de que aquilo que está sendo apresentado não é bem como parece ou como deveria ser”. No entanto, o que ocorre é que

toda a questão tratada por Kurtz e Marlow é, de fato, o domínio imperialista, o europeu branco *sobre* os africanos negros, sua civilização de marfim *sobre* o continente negro primitivo. Ao acentuar a discrepância entre a ‘idéia’ oficial do império e a realidade tremendamente desconcertante da África, Marlow abala a noção do leitor sobre a própria idéia do império e, acima de tudo, sobre algo ainda mais básico, a própria realidade (*Ibid.*, p. 62-63).

Por outra parte, para Conrad, o desconhecido, o impenetrável, o primitivo, o mal – as trevas – podiam ser colonizadas ou iluminadas. O *coração das trevas* traz, continuamente, referências à *missioncivilisatrice*,

a projetos cruéis, mas ainda bem-intencionados, de levar a luz aos lugares e povos escuros deste mundo por meio de atos da vontade e demonstrações de poder – mas também que cumpriria reconhecer sua independência (*Ibid.*, p. 63).

O que nos faz juntar aqui Conrad e Euclides da Cunha é, como já indicamos, lê-los como grandes textos canônicos. Enfatizamos mais uma vez que suas obras, sem dúvida, exerceram enorme influência na concepção futura do chamado “mundo desconhecido”, vinculando as estruturas de suas narrativas às idéias, aos conceitos e às experiências em que elas se apoiam. E, como proposto por Said (também por Jameson e Eagleton em abordagens diferenciadas indicadas numa mesma direção), realizar o esforço “por extrair, estender, enfatizar e dar voz ao que está calado, ou marginalmente presente ou ideologicamente representado (...) em tais obras” (*Ibid.*, p. 104). E se torna mais importante ainda registrar que, para este estudo, por fim, irrelevante, não estivemos em qualquer momento preocupados se tanto Conrad quanto Euclides da Cunha tinham consciência de sua atitude verbal.

Ponderamos que tais narrativas, apoiadas nas estruturas que lhe dão suporte, não surgem de uma consciência pré-concebida, de tipo conspiratória, mas atreladas ao desenvolvimento da identidade cultural – no caso de Conrad, britânica, no de Euclides brasileira –, “como essa identidade imagina a si mesma num mundo concebido em termos geográficos” (*Ibid.*, p. 89). Insistimos que, para nós, o mais importante foi tratá-las como obras referenciais de enorme repercussão.

Para, digamos, sair um pouco da África conradiana, indicamos, ainda que muito superficialmente, algo sobre *Nostromo*.

Conrad, a serviço do império colonial da rainha Vitória (que cobria os sete mares), foi à Austrália, à Índia, à China e, em especial, às antigas colônias holandesas das Índias Orientais (Java, Sumatra, Bornéu), ambientes de parte de suas narrativas. Diferente dessa experiência, posto que de todo trata-se de obra baseada tão somente na imaginação,⁴ *Nostromo* se passa em Costaguana, imaginária república sul-americana, na qual ocorre uma contra revolução separatista empreendida pelo partido conservador de Sulaco, principal e rica província de Costaguana, como resposta a um golpe militar vitorioso na capital do país. Aqui, ainda que seja possível perceber os desacertos da história latino-americana, cheia de pronunciamentos militares, que esteja em tela os interesses econômicos do imperialismo norte-americano e sejam seus personagens interessantíssimos,⁵ Conrad trata os índios locais e os espanhóis dirigentes de Sulaco da mesma forma que trata tanto negros africanos como os camponeses do sudoeste asiático: “com uma espécie de desdém, piedade e exotismo” (SAID, *op. cit.*, p. 217).

Na verdade e considerando, sem qualquer sombra de dúvida, a genialidade de Conrad, para ele (como em seus “seguidores”, como Graham Greene, V. S. Naipaul, Robert Stone, Francis Ford Coppola,

⁴ Conrad conhecia a América do Sul de passagem. Estivera na Colômbia, na Venezuela, ao largo da terra firme, e encontrava-se no Golfo do México quando ouviu a história do marinheiro americano que subsidiaria seu romance. Como afirma José Paulo Paes, o conhecimento superficial que tinha da América do Sul não poderia “ter resultado num livro da minuciosidade de *Nostromo*. Antes de se abalarçar a escrevê-lo, ele se documentou amplamente da história, da geografia e dos costumes da região” (CONRAD, *op. cit.*, 1991, p. 404).

⁵ Por exemplo, *Nostromo*, italiano destemido e vaidoso capataz de estivadores; a senhora Gould, primeira-dama de Sulaco; e Charles Gould, “o criador idealista de bens materiais, que devemos deixar entregue à sua mina – da qual não há como escapar neste mundo” (CONRAD, *op. cit.*, 1991, p. 12).

Oliver Stone e Constantin Costa-Gravas, por exemplo)⁶ aquelas regiões “apartadas” do mundo não possuem nem vida nem história ou cultura dignas de registro, “nenhuma independência ou identidade dignas de representação sem o Ocidente”. E quando ocorre a possibilidade de algo para ser descrito, aparece como “indizivelmente corrupto, degenerado, irremediável”. O que Said está afirmando, e com toda razão, é que nessas obras, posteriores a Conrad,

que tanto devem à ironia antiimperialista de Conrad em *Nostromo*, sustentam que a fonte da ação e da vida significativa do mundo se encontra no Ocidente, cujos representantes parecem estar à vontade para impor suas fantasias e filantropias num Terceiro Mundo retardado mental (SAID, *op. cit.*, p. 20-21).

Assim, vejamos algumas passagens de *Nostromo*.

Nosso excelente senhor ‘Michell’ para o mundo oficial e mercantil de Sulaco, ‘Joe Trapalhão’ para os comandantes dos navios da companhia, o capitão Joseph Mitchell, se orgulhava do seu profundo conhecimento dos homens e das coisas do país – *cosas de Costaguana*. Entre as últimas, ele considerava particularmente desfavoráveis para o ordeiro funcionamento da companhia as frequentes mudanças do governo acarretadas por revoluções de tipo militar.

A atmosfera da República era em geral tempestuosa naqueles dias. Os patriotas fugitivos do partido derrotado tinham o hábito de reaparecer na costa em um vapor com meia carga de armas de pequeno porte e munição. Tanta expediência o capitão Mitchell tinha por realmente maravilhosa em vista da completa penúria deles no momento da fuga. Observara que ‘eles nunca pareciam trazer consigo câmbio suficiente para pagar a passagem para fora do país! (CONRAD, 1991, p. 25-26).

Mitchell sabia do que falava. Tivera uma experiência inesquecível quando fora chamado para salvar a vida de um ditador e de alguns funcionários de Sulaco, como o chefe político, o diretor da alfândega e o comandante da polícia, todos pertencentes ao governo deposto.

O pobre *señor* Ribiera (esse era o nome do ditador) percorrera aos solavancos cento e trinta quilômetros de trilhas montanho-

⁶ Veja-se *The quiet American* (O americano tranquilo) de Graham Greene; *A bend in the river* (A curva do rio) de V. S. Naipaul; os filmes *Salvador*, de Oliver Stone, *Apocalypse now*, de Francis Ford Coppola; e *Missing*, de Constantin Costa-Gravas.

sas após a perdida batalha de Socorro, na esperança de deixar atrás de si as notícias fatais – o que evidentemente não conseguiu fazer cavalcando uma mula estropiada. A besta, ademais, morreu sob ele no fim da alameda, onde a banda militar às vezes toca de tarde, no intervalo das revoluções (*Ibid.*, p. 26).

Como observado por José Paulo Paes, aparentemente não há uma tomada de posição clara, “o narrador impessoal e onisciente” que reporta os acontecimentos, relata as ações dos personagens “e lhes ilumina as motivações sem aprová-las nem reprová-las, timbrando, ao contrário, em fazer sentir um distanciamento irônico em relação a elas”. A medida desse distanciamento não é, no entanto, a mesma para todos os casos.

Aumenta consideravelmente quando se trata de personagens como Pedrito Montero ou o coronel Sotillo, vilões declarados, ou mesmo *don* Juste López, prócer do partido *blanco*. Um é o estereótipo do caudilho feroz, o outro do militar cúpido, e o terceiro do político verboso da América Latina focalizados pela lente da irrisão, que deles faz títeres de comédia. Esse tipo de enfoque responde igualmente pelo uso sistemático de um pejorativo como ‘populaça’ posto na boca de um ou outro personagem, inclusive do próprio narrador impessoal, para designar a arraia miúda de Sulaco, mestiços e índios quase sempre desordeiros e borrachos (*Ibid.*, p. 475).

Martin Decowd, *criollo*, sul-americano de ascendência européia e pertencente a aristocracia fundiária de Sulaco, fala de “‘maldição de futilidade’ que vê pesar sobre o caráter dos costaguanenses, com ‘seus sentimentos altissonantes e uma moralidade negligente’, esforços violentos em prol de uma idéia e uma sombria aquiescência a todas as formas de corrupção”. Advindo daí “a ‘paródia democrática’, as ‘instituições que são uma piada’ e as ‘leis que são uma farsa’ em que ele resume toda a vida cívica de sua pátria”. Segundo ainda José Paulo Paes, como Martin Decowd, “Conrad via com pessimismo a situação da América Latina, cuja história política, de sucessivos pronunciamentos militares e ditaduras cruéis, respalda à saciedade a visão crítica que dela nos dá *Nostromo*” (*Idem*).

Se “*Nostromo* involucra uma crítica ao imperialismo econômico”, a sua visão eurocêntrica o leva a “refletir-lhe o viés”, viés este “típico do romance geográfico de aventuras a que a maior parte da obra de Conrad reconhecivelmente se filia” (*Ibid.*, p. 476). Tal tipo de ficção,

em voga no século XIX e princípios do século XX, esteve *pari passu* com o fastígio do colonialismo.

Com fazer do exótico o principal condimento de sua receita de popularidade, o romance geográfico de aventuras celebrava o encontro da ‘civilização’ de padrão europeu com a ‘barbárie’ de sociedades periféricas, ao mesmo tempo que a incompatibilidade dos seus respectivos valores.

No apego mais ou menos estrito dos hábitos de vida e de convivência da metrópole, o colonizador marcava o seu distanciamento do colonizado. Quem transgredisse a invisível mas impositiva linha de separação, sobretudo por via de casamentos mistos, atraía sobre si a degradação social. É o que acontece com o protagonista do romance de estréia de Conrad, *Almayer*, que luta baldadamente por reconquistar, para si e para sua filha mestiça, as boas graças da sociedade branca de que se excluía ao desposar uma nativa de Bornéu. E em *O coração das trevas*, ao tentar exprimir *in articulo mortis* a sua experiência de engolfamento na vida selvagem da África, Kurtz só encontra uma exclamação de horror. Em *Nostramo* não há engolfamento, só ceticismo: a América índia e mestiça terá ainda de esperar por B. Traven para finalmente se reconhecer a si mesma num olhar europeu (*Ibid.*, p. 477).

Para além da aproximação que mencionamos – o fato da enorme influência exercida por ambos os escritores ou, por outras palavras, a visão consagrada do “mundo desconhecido” – há outras aproximações possíveis: a) são autores-produtos do universo estético e ideológico do século XIX; b) seus escritos foram contribuições para “saltos” significativos em matéria literária (ou para a literatura); c) seus escritos contêm as marcas indeléveis de suas existências e cujas trajetórias são quase semelhantes; d) os recursos narrativos de Euclides da Cunha (tais como a figura da Amazônia pré-histórica) indicam sua consonância com o ideal de progresso que incorpora a desigualdade racial, a subordinação dos “inferiores”. Ele pretendeu fazer a denúncia do sistema que o contém e do qual ele deseja inegavelmente participar. Conrad não via alternativas ao imperialismo; ironiza e desnuda-o, tem consciência de seus males, mas não encontra alternativas a ele; e e) “observam” os nativos como habitantes inativos, incapazes de ação, sem ordens “superiores”, ainda que os nativos sejam pessoas reais. Dito de outra forma, há em ambos o descrédito de que as populações nativas sejam capazes sem a tutela das regiões “mais prósperas”. A

bem da verdade, Euclides da Cunha aponta para os “caboclos rijos do Purus” que “não são efeitos do meio, surgem a despeito do meio”, mas suas ambiguidade e grandiloquência resultam eficazes na ratificação da concepção da natureza indolente do homem amazônico.

Talvez o que difira fundamentalmente Euclides da Cunha e Conrad reside no fato de que Euclides, ao vislumbrar o drama de homens e mulheres no interior amazônico e ao identificar a terrível tensão entre interior e litoral no Brasil, tomou para si o encargo de traçar propostas para intervir no processo, “resolver” o “impasse”.

Como dissemos, Euclides da Cunha é o precursor, como Conrad o é em relação às concepções de Terceiro Mundo, das concepções estigmatizadas da Amazônia, seja em obras de caráter literário, como as de Alberto Rangel, Peregrino Júnior, Gastão Cruis, para citar exemplos mais evidentes e mais conhecidos, seja nas “obras” da oficialidade esclarecida (os sucessivos governos com seus planos de “valorização” da região).

Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Martins, s/d.
- CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. 23. ed. Lisboa: Livraria Editora Guimarães e Cia., s/d.
- CONRAD, Joseph. *Nostromo*. Tradução e posfácio de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *A personal record (Um registro pessoal)*. Maceió: Editora Iluminuras, 1999.
- _____. *O coração das trevas*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- CUNHA, Euclides. Carta a José Veríssimo, In: VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Euclides da Cunha e seus amigos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- _____. *Um paraíso perdido* (ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia). 2. ed. Organização, introdução e notas de Leandro Tocantins. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.
- _____. *À Margem da História*. Introdução, nota editorial e estabelecimento do texto pelo prof. Rolando Morel Pinto. São Paulo: Cultrix; Brasília: 1975.

- GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (Orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- HARDMAN, Franciso Foot. *Trem fantasma*. A modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- JAMESON, Fredric. *O inconsciente político*. A narrativa como ato socialmente simbólico. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Editora Ática S. A., 1992.
- LIMA, Eli de Fátima Napoleão de. *História e Narrativa: Euclides da Cunha na Amazônia*. 2002. Tese (Doutorado). CPDA/DDAS/ICHS/UFRRJ, 2002.
- _____. *O Rural na História. Euclides da Cunha, José Veríssimo e Ferreira de Castro: três narrativas amazônicas*. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba: Revista Raízes, v. 32, n. 2, jul.-dez. 2012.
- PAES, José Paulo. Posfácio. In: CONRAD, Joseph. *Nostromo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: Edusc, 1999.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTARRITA, Marcos. Introdução. In: CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LIMA, Eli Napoleão de. Euclides da Cunha e Joseph Conrad: narrativas consagradas sobre o “mundo desconhecido”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro de 2015, vol. 23, n. 2, p. 390-420, ISSN 1413-0580.

Resumo: (*Euclides da Cunha e Joseph Conrad: narrativas consagradas sobre o “mundo desconhecido”*). Nossa reflexão se volta para a análise da mais canônica narrativa constitutiva do imaginário brasileiro sobre a Amazônia: os escritos amazônicos na obra de Euclides da Cunha (1866-1909), tentando tratar tais escritos como narrativa, relato de sua experiência sobre a região que, carregada de “literaturidade”, critica e reproduz a ideologia de sua época. O que tentamos realizar nesse artigo é uma aproximação, decerto imperfeita: assim como em Euclides da Cunha, o legado de Joseph Conrad (1857/1924) é mais que reconhecido, notadamente quanto à revelação do “mundo desconhecido”. Não são poucos os estudiosos da cultura que têm dedicado cuidadosa atenção à sua obra, entre os quais podemos destacar Edward Said e Fredric Jameson, assim como é enorme a sua influência sobre escritores tão diversos como Jorge Luis Borges e V. S. Naipaul, e cineastas como Francis Ford Coppola e Oliver Stone.

Palavras-chave: Amazônia, Euclides da Cunha, Joseph Conrad, África.
Abstract: (*Euclides da Cunha and Joseph Conrad: consecrated narratives about the “unknown world”*). Our reflection turns to the analysis of the most canonical narrative constitutive of Brazilian imaginary of the Amazon: the Amazon writing in the work of Euclides da Cunha (1866-1909). We intend to treat such writings as narrative accounts of his experience in the region, charged with critical “literaturity” and reproducing the ideology of his time. What we tried to accomplish in this article is an approach, certainly imperfect: as in Euclides da Cunha, the legacy of Joseph Conrad (1857-1924) is more than recognized, especially as to the revelation of the “unknown world”. There are many scholars of culture who have devoted careful attention to his work, among whom we can highlight Edward Said and Fredric Jameson, as well as recognizing his immense influence on writers as diverse as Jorge Luis Borges and V. S. Naipaul, and filmmakers like Francis Ford Coppola and Oliver Stone.

Keywords: Amazon, Euclides de Cunha, Joseph Conrad, Africa.

Recebido em setembro de 2015.

Aceito em outubro de 2015.